

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA
E HISTÓRIA NACIONAL

ALEXANDRE RIBEIRO DE LIMA

**DÃO-LALALÃO (O DEVENTE):
INVASÃO DA MODERNIDADE BRASILEIRA
NO INTERIOR DE MINAS GERAIS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA
2012

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA
E HISTÓRIA NACIONAL

ALEXANDRE RIBEIRO DE LIMA

**DÃO-LALALÃO (O DEVENTE):
INVASÃO DA MODERNIDADE BRASILEIRA
NO INTERIOR DE MINAS GERAIS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Monografia de especialização, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento Acadêmico De Comunicação e Expressão – DACEX – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR.

Orientador: Prof. Ms. Zama Caixeta Nascentes

CURITIBA
2012

TERMO DE APROVAÇÃO

Dão-Lalalão (O Devente): Invasão da modernidade brasileira no interior de Minas Gerais

por

Alexandre Ribeiro de Lima

Esta monografia foi apresentada às _____
do dia _____ como requisito parcial para obtenção do título de
ESPECIALISTA EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL, do
Departamento Acadêmico De Comunicação e Expressão, Universidade
Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Após deliberação, a Banca
Examinadora considerou o trabalho _____

(aprovado, aprovado com restrições, ou reprovado)

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná

Curitiba, _____ de _____ de 2012.

Ao meu falecido pai, amorosa mãe e queridos irmãos dedico este estudo, sem eles não haveria motivo para seguir em direção à um futuro mais qualificado. Dedico também a grande paixão pela Literatura nacional, especialmente a obra de João Guimarães Rosa, a qual conheci em 2007 e nunca pretendo deixar.

AGRADECIMENTOS

Listar o nome de pessoas importantes para a concretização deste estudo é a tarefa mais complicada de se realizar, mesmo correndo o risco de esquecer alguns nomes segue um rol dos mais próximos. Em primeiro lugar ao professor Zama, pela paciência e generosidade nas indicações, sempre pertinentes, não só para esta monografia, mas mesmo antes dela, além de orientações que serão úteis mesmo depois de entregue este trabalho.

Agradeço também a professora Ângela Maria Rubel Fanini, pelas primeiras indicações, no período de elaboração do projeto, que contribuíram para um melhor recorte temático. Outra pessoa importante foi o professor Marcelo Franz da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, que me orientou no Trabalho de Conclusão de Curso em 2010, o qual significou o ponto de partida para tudo que realizei em torno da obra de Guimarães Rosa.

Durante a mocidade afeito a estar sempre viajando distâncias, com boiadas e tropas, agora que se fixara ali nos Gerais o espírito e o corpo agradeciam o bem daquelas pequenas chegadas a Andrequicé, para comprar, conversar e saber. Do povoado do ão, ou dos sítios perto, alguém precisava urgente de querer vir - segunda quarta e sexta - por escutar a novela de rádio. (ROSA, Guimarães, [s.d])

Nos últimos trinta anos, uma descoberta tecnológica abriu novas perspectivas de vida econômica para os cerrados. (RIBEIRO, Darcy, 1995).

RESUMO

LIMA, Alexandre Ribeiro de. Dão-Lalalão (O Devente): Invasão da modernidade brasileira no interior de Minas Gerais. 2012. 30 f. Monografia de especialização. Departamento Acadêmico De Comunicação e Expressão, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

Resumo: Nesta monografia analisou-se o conto Dão-Lalalão (o devente) do escritor mineiro João Guimarães Rosa, verificando como se dá a representação de um momento histórico importante para o Brasil, a década de 1930 até o início de 1940, período em que se passa a narrativa do conto selecionado. O estudo procurou identificar como o escritor representou a modernidade pela qual o país passava nesse tempo histórico. O ponto de partida para a investigação é a personagem principal do conto, observando como sua autoridade é representada no interior do Brasil numa época em que o Estado estava ampliando sua influência nas regiões mais recônditas do país, isso por meio da tecnologia, política e autoridade, sendo que este último aspecto representa o mote principal do estudo, por meio de uma comparação entre a o que era praticado pelo governo em todo o país e o que o latifundiário Soropita fazia em sua fazenda, esta personagem, representa um jagunço que sair desta vida, devido a uma herança recebida, e deixar as práticas violentas de imposição da autoridade instala-se numa fazenda na qual ele é a única autoridade presente, no entanto o momento pelo qual o país vinha passando, quando o Governo começa a retomar dos antigos coronéis a autoridade que lhe pertence, Soropita já não pode determinar as leis, como fazia no bando de jagunços ao qual pertenceu e sim seguir as regras estatais. Sua fazenda e toda a região das Gerais, espaço da narrativa, sofrem as primeiras influências das novas tecnologias que chegavam à região no período histórico indicado. Essas novidades chegavam ao interior do país não só com objetos, mas também pelas influências de pessoas que vinham de outros locais já inseridos numa cultura evoluída com práticas civis mais modernas, em relação ao costume do interior do Estado de Minas Gerais.

Palavras-chave: História. Literatura. Guimarães Rosa. Personagem. Autoridade.

ABSTRACT

LIMA, Alexandre Ribeiro de. Give Lalalão (the Devente): Brazilian invasion of modernity in the interior of Minas Gerais. 2012.30 f. Monograph of expertise. Academic Department Of communication and expression, Universidad Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) –.

Abstract: This monograph was examined whether the tale Give-Lalalão (the devente) miner writer João Guimarães Rosa, noting how the representation of an important historical moment for Brazil, the Decade of 1930 until the beginning of 1940, the period in which it is the narrative of the tale selected. The study sought to identify how the writer represented modernity through which the country passed at this historic time. The starting point for research is the main character of the story, noting how his authority is represented in the interior of Brazil at a time when the State was expanding its influence in most regions of the country, this remoteness through technology, politics and authority, with the latter aspect represents the main thrust of the study, through a comparison between what was practiced by the Government throughout the country and what the Laird Soropita did on his farm, this character represents a jagunço to leave this life, due to an inheritance received, and leave violent practices of enforcement authority installs itself on a farm in which he is the sole authority with this, however the time by which the country had been passed when the Government begins the resume of former colonels the authority that belongs to you Soropita, can no longer determine the laws, as it did in the band of irregulars to whom it belonged, but follow the rules state. His farm and the entire region of narrative space, General, suffer the early influences of new technologies coming to the region in historical period indicated. These innovations were coming into the interior of the country not only with objects, but also by the influence of people who came from other places already entered in a culture evolved with modern civil practice, in relation to the custom of the interior of the State of Minas Gerais.

Keywords: history. Literature. Guimarães Rosa. character, authority.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFLEXOS DA HISTÓRIA NACIONAL NO CONTO	12
2.1 REFLEXOS DA CHEGADA DO ESTADO AO INTERIOR DE MINAS	14
3 MODERNIDADE E AUTORIDADE NA CASA DE SOROPITA E NO ãO.....	20
3.1 CONFORTO E MODERNIDADE NO ãO.....	20
3.1.1 Ameaça da autoridade de Soropita	23
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo pretende-se identificar e descrever em um conto de João Guimarães Rosa representações de autoridade. O conto selecionado para a pesquisa é *Dão-lalalão* (o devente) que faz parte da obra *Corpo de Baile* que contempla outras histórias (ou estórias como prefere o autor). Para isso, pretende-se verificar na personagem central, Soropita, como se dá o comando e de que forma isso pode estar relacionado ao período histórico pelo qual o Brasil vinha passando.

A escolha por este tema se deve a recorrência na obra deste escritor mineiro de elementos que indicam o período de evolução social, política e industrial pela qual o país passava, principalmente à partir da década de 30. Além desse progresso, uma agitação política e social também se percebia, afinal foi um período de grandes mudanças no Brasil e no mundo, agitado por uma guerra mundial e uma tentativa de criar um governo socialista, opção ao capitalista, na Rússia. Além disso, é possível observar a que o Estado e todo seu aparato de liderança esteve ausente, ou era pouco efetiva no interior do Brasil antes desta época histórica.

Devido a esta pouca presença da autoridade estatal os coronéis exerciam grande influência sobre a população rural. Este é um período em que os governantes do Brasil se revezavam nas mãos dos latifundiários de Minas e de São Paulo, a chamada República do café com leite. No entanto, esta prática, no período de elaboração da obra (provavelmente década de 50) já não estava mais em uso, uma vez que a partir de 1930 o Brasil passou a ser comandado por Getúlio Vargas, entrando num novo regime governamental. De acordo com vários historiadores, Vargas foi responsável por uma série de mudanças políticas e sociais no Brasil, lançando o país num período de modernização.

A modernidade está presente não só de forma material, mas num conjunto de ações estatais após 1929, que os próprios estudos históricos tratam como a “República Nova”. Esses aspectos podem ser identificados na obra *Corpo de Baile*, a qual foi publicada em 1956, no mesmo ano de *Grande sertão: Veredas*, isso fez com que a primeira ficasse um tanto esquecida pelos

estudiosos da área, assim, a pretensão desta pesquisa é lançar luz a uma obra importante da literatura nacional a partir de um aspecto pouco explorado até o momento e num conto do qual não se encontra muitos estudos. Além disso, o que se objetiva também é reconhecer um período importante da história do Brasil que passava por um período de transição.

Portanto, no período histórico no qual é ambientada a obra selecionada para este estudo é possível perceber uma presença maior do Estado, e é o que se pretende investigar neste estudo, principalmente em relação a autoridade, representada pelo latifundiário sobre os demais habitantes. É possível perceber a “chegada” do governo, ou pelo menos as suas primeiras influências na região, no conto Dão-Lalalão (o devente), pois a ascensão de Soropita, troca da vida de jagunço pela de latifundiário, a presença do rádio, entre outros, mostram o abandono de antigas práticas para estabelecer a justiça.

Para analisar o aspecto escolhido como mote deste estudo, o trabalho realizado pelo estudioso Luiz Roncari em *O cão do sertão: literatura e engajamento: ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade* servirá de embasamento. Além de Roncari, as proposições de Darcy Ribeiro presentes na obra *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*, Oliveira Viana na obra *Populações meridionais do Brasil* e Claudia Campos Soares com seu estudo *Corpo de Baile: um mundo em transformação*, entre outros, contribuirão para a realização do intento. Além desses estudiosos, sempre que necessário far-se-á uso da Constituição de 1937, afinal ela é que determina a conduta do governo e dos demais membros da nação no período em que está ambientada a história de Dão-Lalalão (o devente).

2 REFLEXOS DA HISTÓRIA NACIONAL NO CONTO

É possível reconhecer algumas manifestações do período histórico pelo qual o Brasil passava no conto selecionado para este estudo, uma delas é o rádio, pois, de acordo com Doris Fagundes Haussen: Getúlio Vargas “em 1º de maio de 1937 já destacava o valor que daria ao rádio, na mensagem enviada ao Congresso Nacional que anunciava o aumento do número de emissoras no país.”¹ O rádio servia, nestes primeiros anos, de divulgador do projeto político populista e nacionalista do governo. No mesmo estudo Haussen destaca que o veículo seguiu um caminho próprio, independente da política, através das ações de artistas, radialistas e empresários. E nesse “caminho” a novela radiofônica surge, e ela tem grande importância para Soropita, personagem central do conto analisado neste estudo, afinal frequentemente ele saía de sua fazenda no ão, e ia até Andrequicé, uma cidade próxima, para ouvir as novelas e recontar aos vizinhos.

Em outra obra, *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*, Haussen afirma que a primeira radionovela do Brasil foi ao ar pela rádio Nacional em 5 junho de 1941 e a partir daí foi se espalhando pelo país com grande aceitação do público, a ponto de “em 1956, quinze anos após o início na rádio Nacional, as radionovelas ocupavam 50% do tempo de transmissão da emissora, num total de 14 novelas por dia.”² Isso comprova o sucesso deste programa e a grande audiência de um público formado não só pela elite nacional localizada nos grandes centros urbanos, mas também por pessoas interioranas como Soropita e toda a sua vizinhança, a qual se reunia para ouvir a contação do ex vaqueiro. Toda essa explanação indica o período histórico em que se passa o conto: após a década de 1940, portanto no período ditatorial de Getúlio Vargas, estabelecido com a Constituição de 1937³.

¹ HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração**. Disponível em: < http://www.pucrs.br/famecos/radiofam/downloads/radio_brasileiro.pdf>, acesso em 18 fev. 2012.

² _____. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 62.

³ Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7%C3%A3o37.htm>. Acesso em 19 fev. 2012.

Identificado o período histórico pela difusão da novela de rádio no Brasil, também se pode perceber os reflexos do regime político presente no conto em análise. O período conhecido como Estado Novo (1937 – 1945) é marcado pelo fechamento do congresso por parte do presidente, o que centraliza todas as decisões políticas de interesse nacional nas mãos do chefe de estado, ou seja, não delegando funções a nenhum governo secundário, trata-se de um período centralizador, autoritário e nacionalista. Nesse sentido, o Estado tira a autoridade das mãos dos coronéis, que controlavam o sertão brasileiro “(...) monopolizando não só as terras e o gado, mas as posições de mando e as oportunidades de trabalho que enseja a máquina governamental.” [RIBEIRO, 1995, p. 348]. Portanto, ao estabelecer o regime ditatorial Vargas retoma das mãos desses ricos fazendeiros a autoridade que lhe é inerente, estabelecida pela constituição federal, e a missão de prover o povo das condições mais elementares de sobrevivência.

É nesse contexto que se encaixa a autoridade de Soropita, afinal, ele pertence a classe dos ricos donos de terras, porém seu comando não se dá da mesma forma, não se trata de um coronel autoritário e maldoso, mas um homem carinhoso com a esposa e atencioso com os vizinhos e convivas. Além disso, usa práticas mais “modernas” de julgamento, não à bala, como era antigamente, na República Velha – antes de Getúlio Vargas assumir o poder em 1930 –, mas com a palavra, comprovando a retomada da “posição de mando” do governo. Isso fica evidenciado no episódio final do conto, quando humilha e expulsa o negro Iládio da região, ele empunha a sua arma, como um justiceiro o faria, no entanto não dispara nenhum tiro e se sente confortável com a situação, vê sua autoridade sendo valorizada, exercitada frente a uma pessoa que é colocada numa situação de inferioridade em relação a ele. Nesse sentido o artigo 89 parágrafo segundo determina que: “Nos crimes comuns e de responsabilidade, serão processados e julgados pelo Supremo Tribunal Federal (...)”⁴. Ou seja, quem determina se há um crime é o poder judiciário, órgão governamental, por meio de um julgamento, portanto não caberia a ele,

⁴ Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao37.htm>. Acesso em 19 fev. 2012.

Soropita, julgar e condenar o Negro Iládio e sim um órgão estatal. Esse episódio receberá mais atenção no decorrer deste estudo.

A ação do Estado mostra uma maior organização em relação a segurança do país e indica uma preocupação maior dos governantes em torno do assunto (segurança nacional), é o Estado assumindo de forma plena o compromisso de garantir a segurança da população e, mais do que isso, centralizador, algo ampliado com a Carta Magna de 1937. Sobre isso, no que tange a obra de Guimarães Rosa, a estudiosa Cláudia Soares Campos⁵ afirma que:

A partir de outras interpretações do Brasil e de percepções e reflexões próprias acerca do momento histórico em que vivia, Guimarães Rosa construiu também sua visão do país. Nela, o escritor investiga aspectos do complexo trânsito da nação pelas sendas da modernização (...) [SOARES, 2011, p. 47]

Essa “modernização” pode ser percebida nos aspectos apresentados acima indicando que o conto se passa em um contexto moderno, isso em relação a um período anterior a década de 1930, no qual não se conhecia o rádio e a justiça era estabelecida pelos ricos fazendeiros. Nesse sentido, a personagem Soropita criada por Guimarães Rosa, representa a passagem do antigo para o moderno no Brasil, pois suas ações demonstram que toda a violência que regia a prática da justiça no interior do Brasil, mais especificamente de Minas Gerais, já não é mais o único expediente para se impor a autoridade, uma demonstração de progresso civil em obediência a nova constituição .

2.1 REFLEXOS DA CHEGADA DO ESTADO AO INTERIOR DE MINAS

A biografia de João Guimarães Rosa registra que em 1952 o escritor saiu acompanhando uma comitiva de boiadeiros pelo interior de Minas Gerais, numa viagem de oito dias. Essa viagem certamente influenciou a escrita (principalmente) das duas obras posteriores a ela (*Corpo de baile* e *Grande*

⁵ *Corpo de Baile*: um mundo em transformação, disponível em <www.fatea.br/angulo>. Acesso em 24 nov. 2011.

sertão: veredas), pois o autor levava consigo uma caderneta, na qual anotava tudo que encontrava de relevante pelo caminho no qual já estava ocorrendo o que Darcy Ribeiro chamou de quebra do isolamento sertanejo por parte do Estado, no qual os

(...) fazendeiros todo-poderosos do passado foram desarmados pelo governo central e cujas fazendas se viram cortadas por estradas percorridas por milhares de caminhões que conduziam gente, mercadorias e novas ideias, ao mesmo tempo em que eram atingidos pela difusão radiofônica e pelos cinemas das vilas, que vão familiarizando o sertanejo com o grande mundo externo. (RIBEIRO, 1995, p. 359)

Como já foi visto, em 1937 Getúlio Vargas atribui ao rádio uma grande importância e ele é utilizado como veículo de propaganda do governo e veiculação da novela, já na década de 1940, representando um período de mudanças também nas cidades do interior. Além disso, há o desarme dos donos de terras, o que ocorreu por decisões políticas do governo, intencionando estabelecer uma nova ordem social, que, com a Constituição de 1937 centralizou o poder nas mãos do presidente, assim, cabia somente ao Estado usar a força para estabelecer a justiça no país. Para Ribeiro (1995), Toda essa ação governamental de “infiltração” no interior do país se deve ao temor de ver se repetir o que aconteceu em Canudos, nos primeiros anos da República brasileira (final do século XIX), onde devido a miséria e ao descaso estatal a população rural se uniu em torno de Antonio Conselheiro na criação de uma sociedade sem fazendeiros, nem autoridades. Essa campanha causou muitas mortes de soldados do governo e de fanáticos que defendiam a sua causa.

Portanto, quebrar o isolamento do interior do país significa manter todo o território ao alcance dos olhos do Estado, para não correr o risco de ver uma nova revolta como aquela do início da República. É esse o contexto de imposição estatal que se passa a história de Soropita e sua esposa, descrita em *Dão-Lalalão* (o devente), pois o protagonista da estória passa por um período de “adaptação” entre a manutenção da lei e da tradição jagunça e se “render” ao aparato governamental e toda a sua ordem e progresso. Portanto, o contexto encontrado por Guimarães Rosa em sua viagem era aquele descrito acima e, se não esteve registrado em suas anotações, contribuiu para a

elaboração do conto. Sobre isso, o estudioso Luiz Roncari observa o seguinte: “Nessa época o sertão e as regiões interiores do país começaram a atrair a atenção das políticas do Estado e a sentir com mais constância a presença de seus agentes.”⁶ Esse início de interesse do governo pela região se pode verificar em *Dão-Lalalão* (o devente), e ainda, a incipiente influência do Estado na época em que se passa a estória de Soropita o coloca numa situação de dúvida entre seguir aquela prática de justiça dos antigos jagunços ou a lei estatal, que ainda não estava consolidada em seu rincão.

Sobre essa mudança do contexto social e político do interior do Brasil, Darcy Ribeiro (1995) afirma ainda que as oligarquias dominantes do Brasil que desde os tempos das sesmarias conduziam as decisões no país de acordo com seus interesses pessoais continuam a fazê-lo, e neste momento colocam até a seca como um negócio lucrativo: “Cada seca, e por vezes a simples ameaça de uma estiagem, transforma-se numa operação política que, em nome do socorro aos flagelados, carrega vultuosas verbas para a abertura de estradas e, sobretudo, a construção de açudes nos criatórios [RIBEIRO, 1995, p.349].” O estudioso afirma que essas verbas destinadas pelo governo beneficiavam os fazendeiros da região, porém os benefícios colhidos por essas medidas governamentais acabam atingindo toda a região, tanto o sertão quanto os gerais⁷, cenário da estória de *Dão-Lalalão*. Isso porque todo esse movimento de veículos e de comerciantes traria desenvolvimento para as cidades do interior, e representa um progresso que atinge até a classe dos jagunços, pois a violência dos conflitos não era interessante para o governo, que começa a levar, com a constituição, seu aparato de justiça aos rincões mais afastados, mesmo que para isso utilize o braço armado desses justiceiros do sertão, como próprio herói de *Dão-Lalalão* (o devente), como se verá mais a frente neste estudo.

Além disso, o trânsito de veículos colocava as pessoas da região em contato com gente de fora, possibilitando um intercâmbio cultural, além das

⁶RONCARI, Luiz. *O cão do sertão: literatura e engajamento: ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: UNESP, 2007, p.21.

⁷ Essa diferenciação entre sertão e gerais será esclarecida adiante.

estradas que, se não serviam a Soropita para seu comércio de gado, contribuía para a troca de informações entre as pessoas de outras cidades, pois “de tudo aquela gente pegava notícia” [ROSA, [s.d.], p.56], nessa fala Soropita se refere ao fato de ter chegado em casa com uma visita e todo mundo de lá já estar sabendo do viajante.

Um exemplo da presença do mecanismo de justiça estabelecido pelo Estado no conto se dá num diálogo entre os companheiros de Dalberto, antigo companheiro encontrado por Soropita em meio a sua viagem de volta de Andrequicé ao ão. Dalberto estava na região, junto com seus companheiros, para receber uma boiada do Seo Ramígio Bianôr, nesse momento recebe o convite de Soropita para ir até a sua casa, no entanto o hospedeiro não queria que os companheiros do ex-colega de profissão viessem junto, mas não diz, mas o forasteiro se adianta: “ – ‘ Os companheiros vêm com a gente até o cruzar da carroçável... Voltam p’ra o Azedo...’ [ROSA, [s.d.], p.36].” Assim, Sorpita e o amigo vão na frente, enquanto isso os companheiros de Dalberto conversam sobre quem é Soropita, ou, no atual contexto, quem foi soropita:

(– “Surrupita, eta, ele empina! Quem vê e vê, assim não diz o relance deste homem.” “ – Teve também um jagunço, que ele arreventou com uma bala no meio dos dois olhos, na Extrema. Aí, Surrupita pegou condenação – ano e meio. Mas nem chegou a cumprir. Foi indultado.” “– Não, defesa apelou: saiu livre, no segundo. Falavam até que ele era mandado do Governo, p’ra acabar com os valentões daí do Norte. Que um sabe: por regra, Surrupita só liquidou cabras de fama, só faleceu valentões arrespitados...” “ - Também, qualquer um que matasse João Carcará e Antônio Riachão mais o Dendengo, tinha de sair livre, que estava matando em legítima defesa...” (...) [ROSA, [s.d.], p. 37].

É possível perceber que Soropita tem registrado em sua biografia uma vida de valentão, de justiceiro do sertão, porém, no caso dito acima, ele é condenado a um ano e meio de prisão, portanto, fica sujeito ao mecanismo de justiça estabelecido pelo Estado que prevê no artigo 122 que: “os crimes que atentarem contra a existência, a segurança e a integridade do Estado (...) serão submetidos a processo e julgamento perante Tribunal especial, na forma que a lei instituir.”⁸ Sendo assim, cabe ao poder judiciário estabelecer júris, julgar e

⁸ Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao37.htm>. Acesso em 19 fev. 2012.

punir crimes previstos na lei e Soropita sofreu julgamento por seus atos de violência, o primeiro jagunço que ele matou com “uma bala no meio dos dois olhos” o levou a cadeia, porém seu advogado recorreu e no segundo julgamento saiu livre, depois da apelação da defesa e com o argumento de que ele matou “em legítima defesa”. Assim, o ex jagunço se utilizou da lei, que assegura garantias de defesa aos acusados “antes e depois da formação da culpa”⁹, para se defender de um crime comum antes de 1930, matar “valentões” em defesa da honra e da fama.

Além disso, havia uma desconfiança de que ele fosse mandado do Governo, o que não é infundado, Darcy Ribeiro (1995) afirma que o Estado, assim como os grandes latifundiários “(...) que incentivava o banditismo, pelo aliciamento de jagunços pelos coronéis como capangas (guardas de corpo) e, também, como vingadores [RIBEIRO, 1995, p.356]”, também usava esta “mão de obra” jagunça, no intuito de estabelecer a ordem governamental no sertão. Na análise feita pelo estudioso Luiz Roncari, Soropita é uma personagem representante dessa classe, quando afirma que: “... o governo federal não tinha pejo de usar a mesma violência que combatia e até de tomar a seu serviço valentões como Soropita [RONCARI, 2007, p.22].” Com isso, é possível pensar que o herói de Dão-Lalalão (o devente) é a confluência de duas forças opostas: do Estado, com a sua autoridade incipiente, e dos latifundiários, que defendiam seus interesses e praticava a sua autoridade que, diferente do governo, já estava consolidada na região.

É nesse contexto que se insere a maioria das personagens de Guimarães Rosa como Soropita, o herói da estória selecionada para este estudo. Ele deixou a vida de justiceiro de lado depois de receber a herança de um parente. Agora vive para a esposa, para sua venda e recontar as novelas de rádio ouvida em Andrequicé. O que pode ter levando este valentão a deixar sua sina e se dedicar ao comando de uma fazenda? A indagação pode ser respondida com estas palavras de Darcy Ribeiro:

⁹ Cf. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7%C3%A3o37.htm>. Acesso em 19 fev. 2012.

Nesse sertão devassado, onde uma autoridade política central já se torna capaz de impor as leis e a justiça, embora só o possa fazer ainda em cambalacho com o coronelismo local, não há mais lugar para jagunços e fanáticos. [RIBEIRO, 1995, p. 359].

O Estado parece ter conseguido, com seus caminhões, máquinas e veículos de comunicação penetrar e impor a sua autoridade e modernidade (que inclui novas práticas políticas estabelecidas pela constituição e produtos tecnológicos que não existiam na região até então). Assim, a causa pela qual Soropita lutava, manter a ordem no sertão, já não importa mais, pois isso é feito por todo o aparato do governo.

Sobre esse assunto, o estudioso Oliveira Vianna afirma que o regime autoritário é importante para o país, pois é por meio dele que as instituições liberais representadas pelo estado se consolidarão, porém “... o autoritarismo é um instrumento transitório a que cumpre recorrer a fim de instituir no país uma sociedade diferenciada, capaz de dar suporte a instituições liberais autênticas [VIANNA, 2005, p.34].” Vale lembrar que essa defesa do autoritarismo do governo é feita por alguém que participa diretamente do sistema (Vianna, além de outras atribuições, exerceu o cargo de *Consultor da Justiça do Trabalho* após a revolução de 30) e reconhece que ela deve ser transitória, ou seja, o autoritarismo é um meio para se atingir determinado fim, que só será alcançado quando se tiver uma sociedade preparada para tal, do contrário uma instabilidade social é inevitável, mas a autoridade no interior do Brasil ainda era exercida, principalmente na região de Minas Gerais e do nordeste do país, pelos jagunços. Portanto, ao centralizar o comando do Estado, o governo demonstra que só há lugar para um tipo de autoridade, aquela que emana da lei, imposta pelo governo a qual toda a nação deve se submeter. Portanto, todo o sistema criado pelo governo após 1937 serve de transição em direção a consolidação de uma sociedade moderna.

3 MODERNIDADE E AUTORIDADE NA CASA DE SOROPITA E NO ÃO

3.1 CONFORTO E MODERNIDADE NO ÃO

Até aqui a preocupação deste estudo foi em mostrar a modernidade e as influências estatais na periferia da casa de Soropita e Doralda, neste capítulo pretende-se apresentar os reflexos desses elementos na casa e na vida do casal. Soropita teve uma oportunidade de largar tudo o que tinha conquistado e recomeçar no meio do nada na fazenda Campo Frio, numa negociação com o Senhor Zósimo, mas a decisão pesou mais, de acordo com ele, porque a esposa: "... havia de se entristecer só com a idéia; Doralda dizia que era bonito a gente ver passar o trem-de-ferro, ficar olhando. Dali do Ão, algum dia, só para cidade grande, em sonho que fosse [ROSA, [s.d.],p.25]." Essa é a antecipação que o ex vaqueiro faz do que a esposa diria quando ele falasse sobre o negócio, porém, a reação dela, que já sabia do negócio antes de ele contar, foi a seguinte: "Vou, demais. Em desde que seja com você, vou qualquer hora p'ra qualquer parte, e vou contente de verdade, sem sombrosso nenhum... [p.78]." Essa resposta submissa da esposa, mostra que a decisão de partir ou não de sua terra, confortável e na qual ele era respeitado, é toda de Soropita, que decide ficar no Ão.

O negócio proposto pelo Senhor Zósimo era trocar "(...) sua grande fazenda, dele, cinco tantos maior, em Goiás, fundo de rumo de Planaltina. Orelhas, porteiros fechadas – e ainda voltava dinheiro, para as mudanças." [ROSA, [s.d.], p.24]. A proposta aparentemente é irrecusável foi feita devido a distância de sua fazenda da escola dos filhos, e como Soropita e Doralda ainda não tinham um herdeiro, o negócio parecia mais vantajoso ao ex jagunço que acaba não concordando. Nessa situação, o Ão parece ser uma região mais evoluída em relação ao interior de Goiás, onde estava localizada a fazenda Campo Frio.

Sobre isso, em um de seus estudos Claudia Campos Soares apresenta uma diferenciação entre sertão e Gerais, de acordo com ela: "O sertão – mais profundo na geografia e no arcaísmo de seus usos e costumes – é o lugar onde bandos de jagunços têm livre trânsito e percorrem latifúndios e terras

devolutas prestando serviços aos grandes proprietários e se envolvendo em grandes batalhas (...)” [SOARES, 2011, p.43], já “Em *Corpo de baile* os homens não se dedicam à violência como forma de vida, embora ela também não esteja muito distante aí.” Ou seja, as lutas travadas entre bandos rivais de jagunços, seja por qual motivo for, não ocorre com frequência nas novelas de *Corpo de Baile*, mas não estão ausentes, Soares pondera que: “Lutas jagunças, assassinatos – que acontecem no tempo da narração ou aparecem como lembranças de tempos passados, mas não muito distantes, de algum personagem – e vida errante não são realidades desconhecidas em *Corpo de baile*” [SOARES, 2011, p.43]. É o que corre com Soropita em Dão-Lalalão, a sua origem pertence a aquele contexto violento, que ficou no passado, no entanto, por meio das lembranças, na conversa com Dalberto, o leitor fica sabendo que se trata de alguém tão violento quanto qualquer personagem que se desloque pelo sertão. Porém, recusar a oferta do Senhor Zósimo, mostra o desinteresse de Sorpita em voltar aos “velhos tempos” em que a autoridade era estabelecida a bala, e não por intervenção do Estado.

A estudiosa estabelece ainda uma distinção entre a administração das fazendas nos gerais e no sertão, no primeiro caso as personagens representam pequenos latifundiários ou administradores das terras de outrem, porém, há um teto fixo, um local no qual eles estão estabelecidos. De acordo com Soares (2011), esta diferenciação se dá pelo fato de a região dos gerais estar mais próxima geograficamente da cidade do que o sertão. Isso justifica o interesse do Senhor Zósimo e ainda a ação estatal estar mais presente na região em que Soropita costuma transitar, como em Andrequicé, onde ele vai para ouvir a radionovela. Além disso, a região dos gerias é a que melhor representa o período histórico conflituoso entre antigo e moderno pelo qual o país passava.

Além das negociações, nos gerais, há a presença de pessoas mais civilizadas, em uma das cidades pelas quais Soropita passava em suas viagens encontrava “... gente bem arrumada, com todo luxo, bons trajes caros, sapato novo, gravata fantasia, coisas.” Porém ele “Não queria que o achassem acaipirado, jambrão” e para evitar que isso acontecesse ele inventava desculpas e dizia que “... preferia se mostrar assim, por seu querer, senhor de

altos farrapos.” [ROSA, [s.d.], p.27]. O que ocorre na realidade é que Soropita não tinha dinheiro para se vestir de outra forma, ainda era um viajante, condutor de bois, ou seja, não tinha recebido a herança que o tornou um rico fazendeiro. Sobre isso, Darcy Ribeiro afirma que os visitantes de outras cidades levavam para o interior “... a imagem de regiões progressistas, onde prevalece um trato mais humano e mais justo, costumes mais livres e mais abertos, sobretudo, um padrão de vida mais alto” [RIBEIRO, 1995, p.360]. É esse padrão de vida que seduz o herói de Dão-Lalalão e o faz se esforçar por segui-lo, por isso, na primeira oportunidade que tem de ostentar a sua riqueza ele o faz, diante de Dalberto.

Ao convidar o viajante para pernoitar em sua casa ele aproveita para mostrar ao amigo tudo que conquistou, e oferece um jantar cheio de circunstâncias “tudo podia ser pelo melhor”: quiabo com galinha, Doralda “cortando sua carne de porco com faca e garfo”, garrafas de cerveja e depois do jantar uma festa entre os três, Soropita, Doralda e Dalberto, regada a conhaque e cigarro. Nos intervalos, sempre que podia, Soropita mostrava a esposa ao amigo, envaidecido com todas as suas conquistas ao longo dos anos em que tinha deixado a vida de condutor de gado.

Além da comida há outra cena em que Doralda resolve se mostrar ao visitante cheia de glamour e surpreende até o esposo: “Estava com outro vestido, chique, que era de cassa leve, e tinha passado pó-de-arroz, pintado festivo o rosto, a boca, de carmins. No pescoço, um colar de gargantilha; e um cinto preto, repartindo o vestido. E tinha calçado sapatos de salto alto - aqueles que ela só era quem usava ali no ão (...) [ROSA, [s.d.], p.67].” Doralda também tinha entrado em contato com o luxo da cidade, pois nos tempos de meretriz muitos homens ricos frequentavam a região de Montes Claros, cidade na qual estava situado um dos bordéis por onde ela passou ao longo de sua vida, antes de se casar com Soropita.

É possível perceber que Soropita foi seduzido pelo luxo que uma vida civilizada pode oferecer, isso já nos tempos de vaqueiro observando os visitantes das cidades por onde passava, e depois com a novela de rádio. Sobre isto, Haussen (2001) afirma que os autores trabalhavam “(...) sobre temas urbanos, com uma presença menor do rural.” (HAUSSEN, 2001, p. 64).

Portanto, as estórias ouvidas por Soropita ocorriam num meio bem diferente do seu, regido por uma presença maior do dinheiro, o qual agora ele possui e portanto também pode adquirir todos aqueles produtos ditos nas novelas e oferecidos nos intervalos comerciais. Ainda de acordo com Haussen (2001), o rádio “reinava absoluto como o grande veículo de massas”, nesse sentido exercia o papel que hoje é da TV.

3.1.1 Ameaça da autoridade de Soropita

Além de incentivar o consumo a radionovela exerce influência também no comportamento de Soropita, sobre isso Luiz Roncari faz uma observação acerca da estória que ele ouviu no dia em que se passa o conto e guardava na memória para recontar aos vizinhos: “No caso da novela de rádio, a vontade caprichosa era do pai que usava o casamento dos filhos para firmar alianças familiares e, com isso, ampliar sua esfera de poder. No caso de Soropita, é a preocupação com a imagem pública, fator também de afirmação pessoal e domínio social.” [RONCARI, 2007, p. 65]. Vem daí o seu temor em ver a esposa reconhecida por Dalberto, afinal ela era uma mulher pública quando ele a conheceu e propôs casamento, mas agora era sua esposa e se o ex companheiro lembrasse de já ter se deitado com ela, toda a sua moral e autoridade estabelecida no *Ão* estaria ameaçada. Nesse sentido “... é possível perceber que *Corpo de Baile* representa literariamente uma situação de confronto entre forças tradicionais e emergentes.” [SOARES, 2011, p.47], uma delas representada pela tradição de se defender a honra e a outra ligada a uma nova ordem cívica.

A preocupação de Soropita, potencializado pela história ouvida na radionovela, justifica sua atitude em relação a Dalberto naquela noite. Perceber o risco de ver a esposa sendo reconhecida em sua antiga profissão, exige do ex jagunço uma tomada de atitude para reafirmar a sua autoridade. Em outros tempos isso teria ocorrido com violência, matando o companheiro, como ele tramara no caminho até sua casa e também na noite em que estavam jantando e incluía nesse plano funesto também a esposa. Mas Soropita usa outro expediente para se impor, ele ostenta suas conquistas, suas posses, incluindo

Doralda. Ele se orgulhava ao perceber "... que no olhar do Dalberto luzia uma admiração, a meio inveja." [ROSA, [s.d.], p.68]. Sobre esta cena o estudioso Luiz Roncari afirma o seguinte: "Doralda estava ali apenas representando o papel que lhe fora reservado nesse jogo festivo, armado por Soropita. Ela se fantasiava do modo que o marido mais gostava de tê-la, pois queria em casa uma santa fazendo o papel de uma puta..." [RONCARI, 2007, p.70]. Ou seja, ele a queria submissa rendida a sua vontade e autoridade, bem como Dalberto.

A atitude de Doralda tem um desdobramento no quaro do casal, onde o Soropita queria, agora para a esposa, provar a sua autoridade. Nesse momento ele "... mandou": -Doralda, agora tu tira a roupa... (...) – Não, não. Eu quero até muito esclarecido. Tira a tua roupa, certo. (...) Deixa. Vira pra cá. Não, fica aí mesmo, onde você estava... "[ROSA, [s.d.], p.74-75]. O ex jagunço dá ordens a esposa como um patrão, um imperador, isso a fim de retomar a autoridade que ele viu ameaçada com a presença de Dalberto, mas agora já a restabelecia, diante da esposa e, no dia seguinte, diante de toda a comunidade, no evento com o Negro Iládio.

Soropita precisava manter a fama construída diante dos vizinhos sem a qual ele corria o risco de perder sua ascendência sobre aquele povo, assim ele precisava provar para todos quem mandava naquela região. Sobre essa necessidade de Soropita em fazer a manutenção da autoridade é possível perceber que é ao encontrar Dalberto e seu bando que ela é desencadeada e sofre uma ameaça, porém é ele mesmo quem a cria, afinal a esposa afirma não ter reconhecido o viajante dos tempos de meretriz. E isso ocorre também em relação ao Negro Iládio, pois ele temia que a esposa tivesse se deitado com ele: "' – Com o preto Iládio, você esteve?' '- Iládio... Iládio... Nunca vi branco nem preto nenhum com esse nome...' '- Carece de lembrar não, não maltrata tua memória. Mas tu esteve com pretos? Teve essa coragem?' '- Mas, Bem, preto é gente como os outros, também não são filhos de Deus?'" [ROSA, [s.d.], p.77]. Este interrogatório ocorre na noite em que o esposo queria reafirmar sua autoridade frente Doralda e para isso quis "desnudar" o seu passado e confirmar se Iládio, alvo de sua ira já esteve com a esposa, o que agravaria a revolta de Soropita.

Toda a sua ira em relação ao Negro se deu ao pensar ter ouvido uma ofensa dele, quando este, junto com os demais companheiros de Dalberto, chega a casa de Soropita em busca do chefe, que não tinha voltado ao acampamento na hora combinada. Para defender a sua honra e sua justiça o ex jagunço vai ao encontro de Iládio e apesar de representar uma autoridade moderna, que segue os preceitos do Estado, com todo o seu aparato de justiça, o qual ele mesmo já sofreu; Soropita vai resolver o caso a bala, e com o revólver em punho chega diante do negro e ordena: “ – Apeia, negro, se tu não tem caráter! Eu te soflagro!...” [ROSA, [s.d.], p.87], é dessa forma que o ex vaqueiro quer manter a sua autoridade e a sua ascendência sobre as pessoas da região, demonstrando nesta cena um resquício de regime escravocrata. É o passado de Soropita vindo a tona.

Para Luiz Roncari (2007) essa atitude em relação ao Negro Iládio não se limitava a uma desforra, a uma defesa de sua honra maculada por uma fala do negro, no pensamento do herói a hierarquia havia sido quebrada e a vingança de Soropita representa então “... a luta do branco contra o negro e a reafirmação da hierarquia escravista [RONCARI, 2007, p.77]”. Isso comprova o processo de transição pelo qual o país vinha passando, afinal só na década de 1930 o país viu serem aprovadas duas constituições, nas quais o poder do Estado precisava ser consolidado, a fim de retirar das mãos dos justiceiros do sertão, como Soropita, a incumbência de estabelecer a justiça. Porém todo esse processo ainda era emergente e o governo acaba se utilizando daquele “cambalacho”, como afirma Darcy Ribeiro (1995), para conseguir cumprir o seu intento, como já foi visto anteriormente.

Nas três situações descritas anteriormente, na recepção a Dalberto, no imposição à esposa e no conflito com o Negro Iládio, Soropita mostra como é a sua autoridade e como ele a defende, no primeiro e ultimo caso a justiça do Estado não seria suficiente, afinal ele não tinha como provar a ofensa sofrida e a acusação de traição do amigo não tinha fundamento, ou seja, tudo é fruto da imaginação dele, da constante perturbação que ele sofria de seu passado. Assim, o julgamento dos dois casos é somente dele, não há um tribunal, não há advogados nem juiz, como fora instaurado quando ele era um jagunço, há apenas a acusação de Soropita, incriminando os dois homens sem nem eles

mesmos saberem os motivos. No caso do Negro Iládio, a violência cometida pelo ex jagunço é vista por todos com respeito e ele se impõe para todo o povoado "... o que lhe permitia a dominação entre aquela gente pobre do ão, amorfa e sem vontade própria. Era assim que ele enxergava aquela gente, e só queria dela a distinção, não ser igual". [RONCARI, 2007, p.64]. Portanto, para o herói de Dão-Lalalão (o devente) o que valia era a fama de valentão, não precisava mais da violência que imperava em outros tempos em sua região.

Soropita teve, pelo menos, duas oportunidades de regressar a antiga vida violenta e incerta de justiceiro, mas não o faz. Isso

(...) não acontecia como uma casualidade ou por razões meramente pessoais; ele coincidia com o movimento de grandes transformações na política nacional. Com a imposição da autoridade e da lei, o Estado de então procurava conter não apenas a violência jagunça, mas, igualmente, os poderes locais que dela se aproveitavam. [RONCARI, 2007, p.22]

Assim, a personagem central do conto representa alguém que é fruto do regime da época, e a vida que leva é consequência não só da herança recebida, mas também dos "serviços" que fazia para os senhores locais e para o governo. E, como já foi visto, ele respeitou a lei do Estado no caso do Negro Iládio, mesmo agitado pelo modo antigo de resolver essas desavenças e defender a sua honra, com revólver, mostrando que, o fato de estar inserido num novo contexto de "transformações na política nacional" determina outra forma de resolver os crimes, com um tribunal, como prevê a constituição; apesar de esta autorizar a pena de morte isso só pode ocorrer se for estabelecido pela lei estatal em vigência. Portanto, não cabe a um homem que se sente desonrado determinar se o criminoso deve morrer, nas palavras de Darcy Ribeiro as revoltas dos jagunços surgem como uma forma de "... vingar uma ofensa à sua honra pessoal ou familiar [RIBEIRO, 1995, p.355]." Assim, é o instinto primitivo de Soropita que o impele a agir em relação ao Negro, e também justificaria qualquer ação violenta que ele pudesse ter em relação a Dalberto e Doralda.

Nessas situações é possível perceber que a autoridade de Soropita é uma mistura daquela praticada pelos jagunços no interior, que estava mais condicionada a defesa de sua honra e dos interesses dos latifundiários que os

contratasse, e do Estado. Foi visto neste estudo que ele pode ter servido a estes dois “senhores”: o governo e os fazendeiros, mas neste momento de sua vida, após se estabelecer como dono de terra, marido e responsável por uma comunidade que se estabelecia a sua volta, ele já não segue mais nem um e nem outro. Defende seus próprios interesses, ou seja, a sua autoridade e ascendência sobre todos a sua volta. Além disso, as marcas e lembranças de sua origem, que ele se esforça para esconder, estão sempre lhe perturbando e vêm a tona com a chegada de um companheiro que representa sua raiz e isso acaba ajudando-o a crescer em termos de civis e no momento em que teria uma “recaída” dos tempos de matador ele vê todo o respeito conquistado ao longo dos anos sendo renovado e sedimentado no episódio com o Negro Iládio, no qual presente (as pessoas do ão) e passado (os vaqueiros companheiros de Dalberto) se encontram, e ele demonstra a vitória da civilidade frente a brutalidade e injustiça, pois seu domínio se confirma sem precisar disparar uma bala, o que ocorre também em relação a esposa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar uma obra literária a partir de um viés histórico é reconhecer que o autor é sujeito inserido em seu tempo histórico e este de alguma forma irá interferir na produção do artista. Não se trata de identificar passagens históricas, isso fica a cargo dos historiadores, mais atentos aos fatos, mas sim verificar e reconhecer o trabalho artístico do autor, na construção das personagens, do espaço e do enredo, elementos que compõem a obra literária, acontecimentos históricos que o cercam e isso contribui para um autoconhecimento num exame do passado brasileiro, e a literatura só pode ser reconhecida como tal se o autor der um tratamento artístico aos fatos ocorridos.

É para essa direção que o presente estudo tentou caminhar, identificando na obra de Guimarães Rosa elementos motivadores para a elaboração do conto selecionado. Isso por meio da história de Soropita, um fazendeiro, que ama a esposa e procura conviver harmonicamente com os vizinhos, levando a eles a única forma de lazer que conhece: reunir-se para ouvir novelas de rádio, recontadas por ele depois de ouvidas numa cidade próxima, mais evoluída. Porém, esta vida encobre outra, bem escondida pelo ex jagunço que representa sua verdadeira origem. Foi visto que esta personagem carrega em si as influências das novas ações do Governo em sua região e que representa toda a mudança pela qual o país interiorino vinha passando, mas principalmente o interior.

Ao mergulhar neste conto de João Guimarães Rosa, além da satisfação literária, o leitor se depara com um capítulo da história do Brasil, um capítulo escrito entre 1930 e 1960, um período em que o nosso país estava entrando numa era de modernidade, tanto material quanto política. Nesse sentido, ao longo deste estudo foi possível perceber que Soropita representa uma classe que já não tinha mais espaço no novo regime de justiça pelo qual o país vinha passando, agora cabe ao Estado e a todo seu aparato legal promover os julgamentos e não mais aos jagunços como ela fora, justiceiros do sertão.

Comprovou-se também como se dá a representação de autoridade para um homem acostumado a resolver as suas pendências pessoais de acordo com

a sua lei, no novo contexto representado pela centralização do poder por parte do Estado, é este quem determina as obrigações legais das pessoas. Esse percurso histórico pelo qual o Brasil vinha passando no período de elaboração da obra e os reflexos desse contexto nesta obra de Guimarães Rosa, um homem que participou ativamente de vários momentos importantes do Brasil e do mundo, isso não só na literatura, foram comprovados ao longo da explanação.

Ao cabo, fica uma indagação, que serve de provocação para futuros estudos na mesma obra, seria possível identificar uma analogia entre o *Ão* e o Brasil da época? A pergunta se justifica no seguinte, Soropita provê seu povo de algumas de suas necessidades básicas como lazer, segurança e alimentação. Além disso, como foi visto neste estudo, ele conquista o respeito de “seu povo”, não mais com violência, mas com suas atitudes de bom vizinho e imposição autoritário, como o Governo do Estado Novo fazia, essas ações estão mais relacionadas a política do que a barbárie do jaguncismo de outrora. Essa aproximação da política pode ser justificada pelo ingresso do autor num cargo público em 1934, além de participar efetivamente da Revolução Constitucionalista de 1932. Estas elucubrações, surgidas ao longo da elaboração deste estudo, só podem ser respondidas em outra pesquisa, uma vez que, a obra deste escritor mineiro oferece várias possibilidades de leitura e este estudo fica como uma contribuição.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Constituição dos Estados unidos do Brasil (de 10 de novembro de 1937)*. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao37.htm>. Acesso em 19 fev. 2012.

HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração*. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/radiofam/downloads/radio_brasileiro.pdf>, acesso em 18 fev. 2012.

_____. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=nAP4IBo1InYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 19 fev. 2012.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

RONCARI, Luiz. *O cão do sertão: literatura e engajamento: ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: UNESP, 2007.

ROSA, João Guimarães. *Noites do Sertão (Corpo de Baile) – Coleção Mestres da Literatura brasileira e portuguesa*. Rio de Janeiro: Record/Altaya, [s.d.].

SOARES, Claudia Campos. *Corpo de Baile: um mundo em transformação*. Disponível em <www.fatea.br/angulo>. Acesso em 24 nov. 2011.

VIANA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho editorial, 2005.